



Bahia é sede da Conferência Mundial

O Brasil vai sediar a Conferência Mundial de Café, de 23 a 25 de setembro em Salvador, na Bahia. O evento, organizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em parceria com a OIC (Organização Internacional do Café), vai reunir agentes de toda a cadeia.

Nos últimos anos, a cafeicultura mundial enfrentou sérios problemas, como a depreciação acentuada das cotações. De acordo com o MAPA, entre o final dos anos 80 e parte da década de 90, as exportações FOB dos países produtores da *commodity* variaram de US\$10 bilhões a US\$12 bilhões anualmente. A partir de 2000, caíram para cerca de US\$5,5 bilhões. As projeções, porém, agora são mais otimistas e apontam para um consumo mundial de 145 milhões de sacas de café até 2015, perante os atuais 120 milhões de sacas.

Nas últimas duas décadas, en-

quanto houve uma queda entre 50% e 86% nas cotações internacionais do produto, no mesmo período, o valor das vendas de varejo nos países consumidores cresceu 166%, de US\$ 30 bilhões para US\$ 80 bilhões.

É um momento estratégico: de um lado, para aproveitar as oportunidades abertas com a maior demanda global, de outro, para evitar excesso na produção e queda de preços. Na última década, o preço médio da saca caiu para US\$ 40. Apenas em janeiro passado, o preço da saca ultrapassou a barreira dos US\$100.

A 2ª Conferência Mundial do Café vai discutir políticas e ações para encontrar o ponto de equilíbrio entre produção e consumo. O tema central: Lições que Surgem da Crise: Novos Caminhos para o Setor Cafeeiro será tratado em três sessões:

- Lições que Surgem da Crise;
- Políticas do Café em uma Nova Economia de Mercado

• Como Desenvolver uma Economia Cafeeira

É necessária uma ampla discussão sobre como atuar neste ambiente favorável, de maneira que se garantam a maior remuneração e a melhoria de qualidade de vida dos 25 milhões de pessoas que trabalham com café nos mais de 60 países produtores. Para o Brasil, é interessante não só manter a liderança mundial de maior país produtor e exportador

As boas maneiras na produção

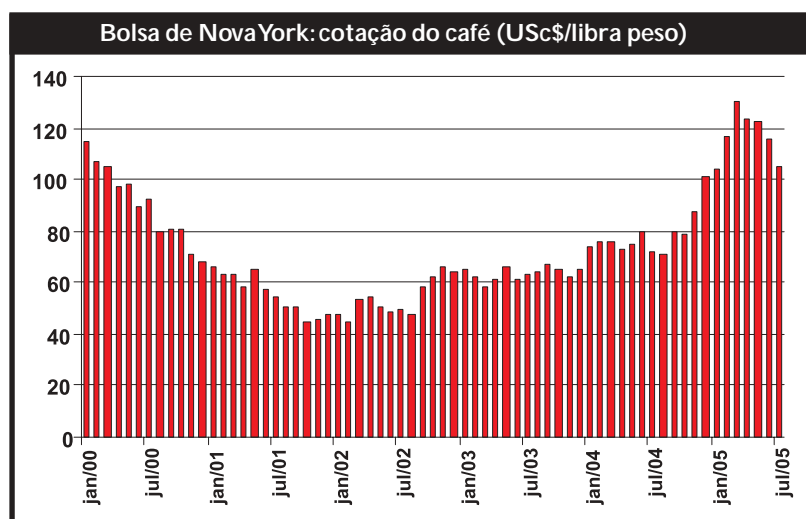
Brasileiros e europeus travam acirradas discussões sobre a sustentabilidade na cadeia produtiva do café, responsável pelo movimento anual de US\$60 bilhões. Em tela, os debates em torno do Código Comum para a Comunidade Cafeeira, denominado de 4Cs (Common Code for the Coffee Community).

Trata-se de um protocolo de boas maneiras no processo de produção do café verde, desenvolvido pela Associação Alemã do Café e pela GTZ, uma ONG (organização não-governamental) alemã, a pedido do Ministério Alemão de Cooperação Econômica e Desenvolvimento. Agora, em fase de implementação, o projeto começa a receber o apoio financeiro de outros países europeus.

A Alemanha é o maior processador mundial do produto. Importa das nações produtoras o correspondente a 16 milhões de sacas, dos quais, 10 milhões são de café verde. As demais são de produto industrializado, processado por outros países europeus. Com um consumo interno de 10 milhões de sacas, reexportam o correspondente a 6 milhões de toneladas de produto industrializado.

Para a Federação Europeia do Café, os objetivos básicos do código são uma produção de café que leve em consideração os aspectos sociais, ambientais e econômicos da cafeicultura. Ou seja, proporcionar condições decentes de trabalho e de vida para os agricultores, suas famílias e seus empregados. Nada de trabalho escravo e infantil.

A cultura do café não poderá invadir áreas de florestas primárias. Respeitadas essas condições sociais e ambientais, virá a viabilidade econômica, para garantir ganhos para todos



de café como, em dez anos, se tornar o maior país consumidor.

Estão sendo aguardados os presidentes de dez países, especialmente convidados pelo governo brasileiro: Colômbia, Costa do Marfim, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Uganda e Etiópia. ■

ONDE SABER MAIS:
www.worldcofeeconference.com

os participantes da cadeira produtiva, na visão dos europeus.

Os brasileiros olham com cautela e preocupação o 4Cs dos europeus, pois podem servir como medida protecionista dos grandes importadores. Os conceitos do código são bons e devem ser respeitados. Existem órgãos acima do 4Cs, como a OIT (Organização Internacional do Trabalho), para tratar desses assuntos. Ademais, a sustentabilidade vale para produtores e consumidores.

Para dar maior sustentabilidade à produção, uma elevação do padrão na qualidade do café exige custos arcados pelos produtores, que, na hora da venda do produto, devem ser repassados aos importadores. Do mesmo modo, consideramos esforços das indústrias européias para o desenvolvimento do mercado do café por lá. Uma das maneiras para isso seria a redução dos impostos no setor. O governo alemão, por exemplo, recebe receitas superiores a todo o valor gasto com a importação dos 10 milhões de sacas de café verde.

Apesar de as indústrias européias exigirem qualidade do café verde dos países produtores, o distanciamento entre os preços do café arábica – de melhor qualidade – e os do robusta resulta no aumento da mistura deste último no produto industrializado.

O programa estabelece regras sem contrapartidas e compromisso do lado comprador. Nesse sentido, peca como processo de cooperação. As certificações representam uma imposição de custos. Uma das propostas do Brasil aos europeus é a realização de mais investimentos nos países produtores, com o objetivo de agregar valores. Em maio, na correspondência encaminhada à Organização Internacional do Café, os produtores mundiais deploravam a falta de transparência e sua pequena representatividade na elaboração do código.

Mercado atravessa um bom momento

Depois de amargarem o pior nível dos últimos oito meses, os preços futuros do café estão em recuperação, como previsto, face à necessidade de correção técnica nos preços. Além disso, o risco de geadas nos cafezais ainda não pode ser totalmente afastado. As frentes frias derrubam as temperaturas nas regiões produtoras brasileiras. O melhor nível de fechamento, a 108,55 cents, foi observado no dia 14 de julho.

Passado o período de volatilidade com o "mercado climático", há quem aposte que os contratos podem se sustentar este ano ao redor de 100 cents. A estiagem de fevereiro, época de formação dos grãos, deverá diminuir o rendimento das lavouras de café e contribuir "para sustentar os preços. Apesar do sonho da libra-peso a 100 cents ter se materializado, a desvalorização do dólar penaliza a receita do produtor. Em condições normais, a saca de café está cerca de 30% mais cara.

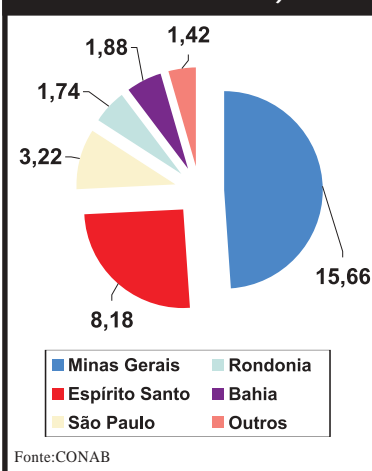
Para a safra de

café 2005/06, em seu terceiro levantamento, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima uma produção de 33,3 milhões de sacas do produto. Este resultado representa uma redução de 11,1%, ou 5,94 milhões de sacas, quando comparado à safra 2004/05, que foi de 38,6 milhões de sacas. A queda se deve ao clima desfavorável (chuvas excessivas) nas principais regiões produtoras e à baixa bialidade das lavouras de café arábica, que deve ser de 24,25 milhões de sacas, contra os 31,1 milhões da safra passada.

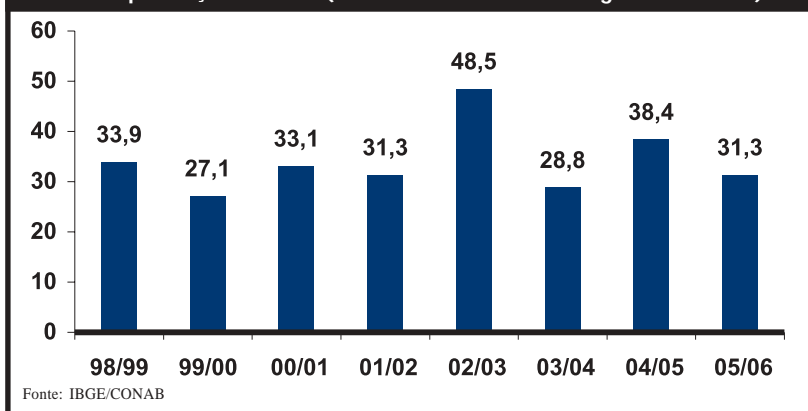
Diferentemente do café arábica, o café robusta (conilon), com produção de 9,07 milhões de sacas, apresenta

acréscimo sobre a safra passada de 20,1%, ou 1,52 milhão de sacas. Este resultado é creditado às condições climáticas favoráveis, principalmente no Espírito Santo, maior produtor deste tipo de café. Com uma colheita total de 15,658 milhões de sacas, Minas Gerais lidera a produção brasileira, seguido do Espírito Santo, com 8,182

Brasil: produção de café por estado - safra 2005/06 (33,3 milhões de sacas)



Brasil: produção de café (Milhões de sacas de 50 kg beneficiadas)



milhões; de São Paulo, com 3,223 milhões, e Rondônia, com 1,741 milhões de sacas. Bahia e Paraná ocupam a quinta e a sexta colocação, com uma colheita de 1,686 e 1,425 milhão de sacas, respectivamente.

Em relação à safra 2004/05, a área em produção registra um pequeno acréscimo de 0,4%, passando de 2.212,9 mil hectares para 2.222,4 mil ha. O maior incremento ocorreu no Estado de Minas, devido principalmente à variação nas áreas de

como Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rondônia, Bahia, Paraná, Mato Grosso, entre outros. O trabalho foi complementado com informações do sistema Geosafra, que utiliza técnica baseada em geotecnologia (pesquisa por satélite). Foram aplicados 2.565 questionários.

ESTOQUE ELEVADO

Os estoques identificados de café do setor privado brasileiro somam 12,043

raias (7,907 milhões de sacas). Em seguida, aparecem São Paulo (1,916 milhão de sacas), Espírito Santo (989 mil sacas) e Paraná (882 mil sacas).

O volume de estoques privados de café já foi avaliado pelo governo federal, como experiência, em anos anteriores. Só agora, porém, a pesquisa foi realizada para divulgação pela Conab. Com esses números, o governo passa a acompanhar o quadro de oferta e demanda da produção cafeeira no mercado.



café em produção e em formação, seguidos de São Paulo e Bahia. Na safra 2005/2006, o parque cafeeiro brasileiro é formado por 5.170.369 de pés de café.

A Conab utiliza novas tecnologias com o uso de imagens e posicionamentos gerados por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas. A pesquisa de campo foi realizada por 243 técnicos e órgãos conveniados, no período de 3 a 29 de julho, nos principais estados produtores,

milhões de sacas de 60 quilos, com destaque para o tipo arábica, com 10,871 milhões de sacas. Este é o resultado do primeiro levantamento oficial dos estoques privados de café, em 2005, divulgado pela Conab.

A pesquisa foi realizada por 70 técnicos, entre abril e maio deste ano, em 1.307 estabelecimentos em todo o País. O estado onde se concentra o maior número armazenado de café é Minas Ge-

A previsão é de crescimento de 35% no consumo interno

Em cinco anos, o mercado interno consumirá o correspondente a 21 milhões de sacas, volume 35% acima do atual, segundo a ABIC (Associação Brasileira da Indústria de Café), com base em um dado concreto: o avanço acele-

FINANCIAMENTO

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou, em 28 de julho último, a proposta do MAPA para a liberação de R\$350 milhões aos produtores de café da safra 2004/2005, destinados à colheita e estocagem do produto, sendo R\$50 milhões reservados para a agricultura familiar. Os recursos aprovados se somam aos R\$500 milhões disponibilizados a partir de março deste ano para as mesmas finalidades.

Os cafeicultores interessados nessa linha de financiamento têm até o dia 30 de novembro para tomar o empréstimo referente à colheita e até o dia 31 de janeiro de 2006 para a estocagem do produto. Nas duas modalidades, os prazos para a concessão do crédito variam de região para região.

O produtor contará com o limite de R\$140 mil para a estocagem do produto, e as cooperativas poderão contratar até o limite de R\$3 milhões; em ambos

os casos, pagarão juros de 9,5% ao ano. O prazo para pagamento é de até 180 dias a partir da data da contratação do empréstimo.

O cafeicultor poderá alongar o prazo de pagamento do empréstimo para a colheita por um prazo idêntico ao estabelecido no financiamento da estocagem, bastando a conversão de uma operação para outra, ou seja, quando o mutuário transformar o financiamento da colheita em empréstimo de estocagem. ■

A empresa especialista em fertilizantes.

Mosaic

FERTILIZANDO A TERRA. www.mosaicfertilizantes.com.br - 0800 11 86 49

Cargill Fertilizantes agora é Mosaic.

rado do consumo no Brasil nos últimos anos, contrariando os dados mundiais, com taxas estáveis de evolução.

Pesquisa da ABIC mostra que, nos 12 meses encerrados em abril, o consumo nacional de café subiu para 15,5 milhões de sacas, crescendo 3,7% em relação aos 14,9 milhões de sacas registrados nos 12 meses até outubro de 2004. Se comparados os dados médios de consumo de maio de 2003 a abril de 2004 em relação aos de

maio do ano passado a abril deste ano, o avanço do consumo é de 12,22%, segundo a ABIC. A média de crescimento do consumo mundial é de apenas 1,4%.

Com isso, o consumo *per capita* nacional já é de 4,15 quilos por ano, se aproximando dos 4,4 quilos nos Estados Unidos, o maior consumidor mundial de café.

O aumento de consumo se dá por três motivos: redescoberta do brasileiro pelo

prazer de tomar café, melhoria na renda e aumento da qualidade do produto.

São ainda considerados tímidos: as ações de promoção e estímulo dos cafés diferenciados e de alta qualidade, junto com o novo Programa de Qualidade do Café - PQC, as campanhas institucionais patrocinadas pela ABIC, CDPC e outras organizações, e os investimentos em marketing pelas empresas.